



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Cinform - 21 a 27/03/2016

DESCASO COM A SAÚDE



Em hospital de Canindé, “falta tudo”. Funcionários mostram a dura realidade de quem trabalha na unidade e precisam fazer malabarismo para salvar vidas

■ Quem consegue entrar no Hospital de Canindé, se pergunta porque ele ainda é chamado assim. O lugar lembra qualquer coisa, menos uma unidade de saúde: faltam leitos, medicamentos, equipamentos e, com a greve, até os funcionários estão em falta.

Mas, a instituição apresenta problemas crônicos, que estão ali desde muito antes de a greve ser deflagrada. Para começar, a falta de remédios. “Já é a segunda vez que venho aqui e não consigo medicamento”, conta uma paciente que preferiu não se identificar.

Os funcionários chegaram a convidar a equipe do Cinform Municípios para entrar na farmácia do hospital, mas não conseguiram abrir a porta, que estava trancada. Alguns minutos depois, com a chegada do secretário, Enock Luiz Ribeiro da Silva, a porta foi aberta.

CADÊ O REMÉDIO?

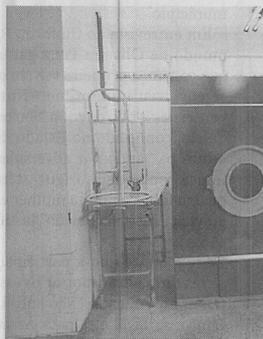
Para surpresa dos funcionários, muitos remédios haviam “surgido” nas prateleiras. No fundo do hospital, as caixas dos medicamentos apareciam como prova da ação rápida.

Maria Patrício de Oliveira, é servente no hospital e conta a dificuldade para realizar o serviço. “Não temos luvas apropriadas nem material de limpeza suficiente. Temos que fazer malabarismo”, afirma.

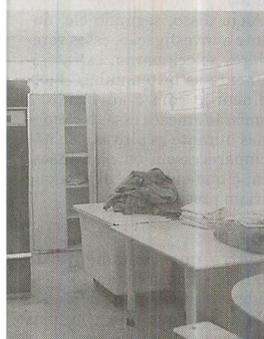
Outra deficiência da área dela é com relação à lavanderia. O equipamento já teve boa parte corroída pela ferrugem e está danificado. “Algumas partes quebraram e a pessoa que vai utilizar precisa entrar em contato com os produtos”, conta Maria Patrício.

“FALTA TUDO”

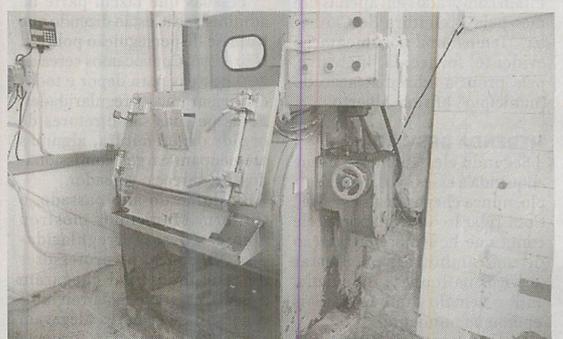
Detalhe: é nesse maquinário, parcialmente quebrado e corroído, que todos os tecidos usados no hospital são lavados. Outro equipamento quebrado é o de raio-x. O técnico responsável pelo uso da máquina diz que já faz tempo que o problema



Unidade não tem estrutura para atender



Unidade não tem estrutura para atender



Máquina de lavar oferece risco a quem a opera



Equipamento que deveria ser utilizado em



urgência serve de “porta-trecos”



Caixas no fundo do hospital mostram ação rápida para abastecer farmácia

persiste. “O hospital está ao deus-dará”, resume o técnico.

Segundo ele, é mais fácil perguntar pelo que não está faltando na unidade. “Aqui, falta tudo. Muitas vezes, os médicos dão dinheiro do próprio bolso para comprar remédios ou algum material que esteja em falta”, conta o técnico.

Mas, para o secretário, a situação não é tão ruim quanto pintam. “Não falta medicamento ou material”, garante Enock. Ele admite apenas que o raio-x está quebrado e que a máquina da lavanderia não

está “nas melhores condições”.

DE QUEM É A CULPA?

“A demanda é grande e não dá para atender a todos”, justifica Enock. E promete um serviço de reparação para a máquina. “Um equipamento novo custa mais de R\$ 200 mil e não temos condições de adquirir agora. Vamos reparar a máquina”, diz.

Segundo Heleno Silva, prefeito de Canindé, a culpa de tudo isso é do Estado, que, de acordo com o Heleno, leve um bom montante ao hospital. “O Estado deveria repassar R\$ 150

mil mensais, mas não o faz desde que assumi a Prefeitura”, revela o prefeito.

Com essa quantia, ele garante que atenderia melhor aos pacientes. “Este ano, por causa da diminuição de R\$ 7 milhões da arrecadação, está muito difícil”, justifica o prefeito. Perto dali, um hospital “de verdade” ficou pelo caminho.

ESQUELETO DE HOSPITAL

Trata-se de uma obra faraônica, que está pela metade. Mas, que poderia atender à população com mais dignidade. “Tinha um contrato com

a empresa e ela não trabalhava nem deixava o contrato, então abrimos um processo administrativo, inclusive, acompanhado pelo Ministério Público”, justifica Heleno.

Segundo o prefeito, a obra é desproporcional para a realidade da cidade. “Foi um erro da gestão passada e do Governo do Estado. Ali, era para ser uma unidade de pronto atendimento”, argumenta. Isso porque, segundo ele, haverá ainda mais dificuldade em manter o hospital do que para concluí-lo, pois o custo da manutenção do lugar girará em torno de R\$ 5 milhões. ■